

Marcus Alexandre Mendes de Andrade

**São Vicente entre dois mundos
(XI-XII)**

Prefácio de Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, CM

2022

À Província Brasileira da Congregação da Missão, que tão generosamente me acolheu por 14 anos, no meu tempo de formação e durante meu ministério presbiteral.

*“Dar-se inteiramente a Deus para servir-lhe
na vocação a que se dignou nos chamar”
(XI, 102)*

*“Por certo, é coisa digna de um missionário ter e conservar esse desejo de
trabalhar nas missões, estimular este impulso interior de assistir o pobre
povo da maneira como o assistiria Nosso Senhor, se estivesse ainda na
terra, e orientar sua intenção no sentido de viver e morrer nesse santo
ministério. Eis aí o que é preciso fazer”
(XII,85)*

Prefácio

E eis que nos encontramos, uma vez mais, diante de São Vicente de Paulo! Terá ainda algo a dizer-nos este homem que viveu há 400 anos e em terras tão longínquas? Qual o segredo de seu ser magnânimo, de sua existência tão pródiga em obras, de sua perene jovialidade? O que teria motivado sua saída de si mesmo para deixar-se conduzir por caminhos tão diferentes daqueles que havia cogitado? Onde se escondia a fonte murmurante que irrigava suas opções e iniciativas? E donde provinha a seiva que robustecia seu infatigável zelo apostólico, o zelo que crepitava em seu interior e que o impelia na direção das periferias existenciais e geográficas, das fronteiras sociais e eclesiais daquela época conturbada em que lhe coube viver e atuar?

As respostas a estas perguntas não podem prescindir das palavras que saíram dos lábios e da pena do homem, do amigo, do fundador e do santo a quem apreciamos e reverenciamos por tudo o que foi, fez e ensinou até o completo declinar de seus longevos 80 anos. Palavras que se irradiam de uma vida encharcada de amor, ou melhor, daquele Amor que a precede e ultrapassa, que a orienta e plenifica. Palavras que emanam de um coração modulado na sintonia do coração de Jesus Cristo e que, por isso mesmo, comunicam sua paixão pelo Pai e sua compaixão pelos pobres. Palavras que se mostram capazes de iluminar e aquecer, porque traduzem uma fé provada e amadurecida, verificada e traduzida em convicções que lhe marcam o passo e indicam a meta, em vivências que lhe acrisolam e alargam seu horizonte, em buscas que lhe comprometem e não lhe permitem estagnar-se. Todas as intuições, palavras e ações de Vicente de Paulo têm o enfoque da caridade, caridade entendida em seu substrato mais profundo: amor que é sempre dom, acolhido na fé e compartilhado na entrega de si, porque *é próprio do amor*

*manifestar-se mais em obras do que em palavras*¹. Ele mesmo não deixa margem à dúvida, ao discorrer sobre os efeitos da caridade na trajetória de quem a abraça como sua regra e sua divisa:

*“A boca fala da abundância do coração e, ordinariamente, as ações exteriores dão testemunho do interior. Quem possui interiormente a verdadeira caridade, demonstra-a por fora. É próprio do fogo iluminar e aquecer, e é próprio do amor mostrar respeito e deferência à pessoa amada” (SV XII, 270)*².

1. “Para que deis muito fruto” (Jo 15,8): o missionário da caridade

Este é São Vicente de Paulo, um homem a quem o Senhor mesmo tomou pela mão, conduzindo-o pelas veredas íngremes e tortuosas onde se encontram os depauperados pelo egoísmo, os vilipendiados pela injustiça, os desiludidos pela marginalização social, os deprimidos pelo desamparo religioso. E todas essas situações clamorosas reverberaram com tamanha contundência naquele coração já tocado pela graça que não ficaram sem as respostas discernidas e as ações eficazes que a profunda humanidade e a potente espiritualidade do Padre Vicente lhe ditaram e souberam colocar em marcha. Desencadeou-se assim um fluxo crescente de iniciativas missionárias e de obras caritativas que foram se desdobrando, enriquecendo e estendendo de muitas formas, em distintas direções, com a colaboração de numerosas pessoas e em proporções cada vez mais abrangentes, segundo as necessidades, solicitações e urgências que se lhe apresentavam. Ainda hoje, os mais versados historiadores e biógrafos se perguntam se teria havido alguma moléstia humana, algum flagelo social ou alguma demanda pastoral que não tenha encontrado eco e abrigo no coração de

¹ A intuição de fundo é de Santo Inácio de Loyola, posta no ápice de seus *Exercícios*, a chamada *Contemplação para alcançar amor* (EE 230).

² Conferência sobre a caridade, de 30 de maio de 1659.

Vicente de Paulo e que não tenha despertado, de alguma maneira, sua sensibilidade, sua lucidez e sua prontidão. Também neste sentido, suas palavras dizem muito, deixando transparecer o conhecimento que tinha da realidade que o circundava e das situações que lhe interpelavam, revolvendo o terreno fértil de sua consciência esclarecida pela fé, sempre pela fé, que era o farol luminoso que se projetava sobre sua experiência. Por essa razão, São Vicente podia afirmar: *“Os pobres, que não sabem aonde ir, nem o que fazer, que sofrem e que se multiplicam todos os dias, constituem meu peso e minha dor”*³. Dirigindo-se às Filhas da Caridade, recordará que *“não se admite atraso quando se trata do serviço aos pobres”* (SV IX, 319)⁴. E, em colóquio com os Padres e Irmãos da Missão, possivelmente em um rigoroso dia invernal, comentará que *“deveríamos acorrer às necessidades espirituais de nosso próximo como procuramos nos aquecer ao fogo”* (SV XI, 31)⁵.

Do gênio caritativo de Vicente de Paulo, de sua incomum capacidade de trabalho, de seu espírito proativo quando se tratava de sair ao encontro das misérias humanas, da multiplicidade de seus feitos no campo da assistência e da promoção dos mais vulneráveis, de sua solicitude laboriosa e eficaz para com as pessoas e categorias descartadas pelas instituições de seu tempo, de seu titânico empenho em favor de uma autêntica reforma da Igreja, de sua dedicação inteligente à formação do clero, de seu clarividente esforço de valorização e integração dos leigos, especialmente das mulheres, de sua irrefragável paixão missionária, de tudo isso e muito

³ Pierre Collet, CM, um dos mais eminentes biógrafos de São Vicente, transmitiu-nos esta frase colhida de uma carta que o fundador da Missão dirigiu a um de seus Missionários (*La vie de Saint Vincent de Paul, instituteur de la Congrégation de la Mission et des Filles de la Charité*. Tome I. Nancy : Lescure, 1748, p. 479).

⁴ Conferência sobre as Regras, de 30 de maio de 1647. Citado conforme a edição francesa das cartas, conferências e documentos de São Vicente, edição organizada por Pierre Coste, CM.

⁵ Avisos dados em um Capítulo, sem data.

mais dá testemunho a história através daqueles que puderam conhecer e acompanhar o périplo do santo da caridade e da missão. Uma dessas testemunhas qualificadas é a Duquesa de Aiguillon, uma das mais prestativas e constantes colaboradoras do Padre Vicente. Esta, pois, ao ser informada de que o fundador não compareceria à assembleia de uma Confraria da Caridade, precisamente porque iria dar prosseguimento a uma missão nos campos, com tudo o que isso representava em termos de privações, fadigas e riscos, temendo pela saúde do santo, expressou assim sua indignação:

“Não consigo estranhar-me o bastante de que o senhor Padre Portail e os outros caros senhores Padres de São Lázaro permitam que o Padre Vicente vá trabalhar na zona rural, com o calor que faz, na idade em que se acha e, durante tantas horas, exposto ao tempo e ao sol. Parece-me que sua vida é por demais preciosa e útil à Igreja e à sua Companhia, para deixarem-no correr tal risco (...). Diz-se que os senhores não conhecem o tesouro que Deus lhes deu e que perda seria sua falta” (SV IV, 652-653)⁶.

A Duquesa talvez não tivesse tomado a peito o trabalho de intervir junto aos Padres da Missão se, conhecendo mais a fundo o Padre Vicente, houvesse fixado sua atenção no que ele mesmo escreveu, poucos dias antes, para justificar sua ausência na mencionada assembleia:

“Estou indo para dar continuidade à missão de Sevrin, que eu anunciei, a quatro léguas daqui. Tenho dúvidas de que possa deixá-la, sexta-feira, para participar da assembleia. Suplico-vos, Madame, que apresenteis nela minhas escusas. Tenho por mim

⁶ A carta da Duquesa é de 20 de maio de 1653. O conteúdo foi dado a conhecer pelo Irmão Pedro Chollier, em seu depoimento no processo de beatificação do fundador.

que ofenderia a Deus, se não fizesse tudo o que me é possível pelos pobres camponeses” (SV IV, 652-653)⁷.

Quando se tratava das exigências da caridade e das urgências da missão, das diligências dos pobres e dos apelos da Igreja – ainda mais em um cenário de precariedade, conflito e escassez – Padre Vicente sabia perfeitamente o que deveria priorizar e não se eximia nem se poupava para dar tudo e dar-se a si mesmo, sem regateios, sem desculpas, sem adiamentos, irmanando-se a outras pessoas igualmente sensíveis e solidárias. Para ele, *“a caridade está acima de todas as regras e é preciso que a ela tudo esteja relacionado” (SV X, 595)⁸*, a despeito de artifícios ideológicos, discursos falazes e formalismos ociosos. Vicente não tinha dúvida de que ignorar os pobres é ignorar o próprio Cristo. E uma Igreja que não tem seu coração aberto para os míseros e não se coloca ao lado deles não passa de uma caricatura do que é chamada a ser como sacramento do Reino. Não foi à toa que um panegirista francês do século XVIII chegou a afirmar: *“Nas calamidades políticas, Deus suscita ordinariamente grandes homens, dos quais ele se serve para suavizar seus rigores”*. E acrescentou: *“São Vicente teve sempre para com os pobres um coração de pai e entranhas de misericórdia. Parece, aliás, que essa virtude da misericórdia havia nascido com ele”⁹*. Já na segunda metade do século XIX, um exímio e virtuoso pregador espanhol declarou, referindo-se também a nosso santo: *“Toda sua vida, dedicada à consolação do pobre e à tutela do órfão, é a mais bela aplicação dessa virtude sublime, nascida com o Evangelho, que brota*

⁷ Carta de 14 de maio de 1653.

⁸ Conferência às Filhas da Caridade, de 17 de novembro de 1658 (edição francesa).

⁹ BEURRIER, Vincent Toussaint. *El panegírico de San Vicente de Paúl. Anales de la Congregación de la Misión y de las Hijas de la Caridad*, Madrid, tomo 129, n. 5, pp. septiembre-octubre 2021.

do próprio coração do Salvador e que o cristão conhece pelo nome de caridade”¹⁰.

Mais recentemente, coube a J. Anouilh, o roteirista do premiado filme *Monsieur Vincent*, oferecer-nos uma estupenda releitura cinematográfica do impacto sócio-eclesial da atuação de Vicente de Paulo. É o que se pode inferir, por exemplo, do estridente diálogo entre o protagonista da trama e o chanceler da rainha. Ao ouvir deste que todos os pobres das ruas de Paris seriam confinados dentro de poucos dias, Padre Vicente reage estupefato: *“A caridade, senhor, consiste em ajudar os pobres a manter sua condição de pessoas”*. E a essa terminante afirmação, reage o chanceler, esbravejando: *“A caridade, a caridade! É o que inventastes (...). Antes de vossa cruzada, também havia pobres e estes não perturbavam o sono das pessoas decentes. Mas agora estão por todos os lados. Parece que vós os fabricais”*.

De fato, a descoberta dos pobres ajudou a Vicente de Paulo a discernir a vontade de Deus, a seguir mais de perto a Jesus Cristo, a encontrar seu lugar na Igreja e na sociedade, a alargar a tenda de seu coração. E, neste coração benévolo, os pobres acharam um lar caloroso e hospitaleiro. Diante das múltiplas facetas da pobreza, o coração de Vicente se enternece e se estremece, urgindo-o a atuar com inteligência e paixão. Ele não era apenas criativo, dinâmico e intrépido, era também profundo, sólido e longânime. Dotado de uma notável capacidade de discernimento e decisão, não se deixava levar pelas primeiras impressões ou por influências contrárias aos ideais e propósitos que a fé e a caridade lhe inspiravam. Mantendo sua habitual flexibilidade e sua atitude dialógica, não caía nas armadilhas das tendências ou das conveniências. Sua dedicação aos pobres não se limitava a uma ética humanista, não se esvaía em um altruísmo de circunstância, não se esfumava em um voluntarismo compulsivo,

¹⁰ ZEGRÍ, Juan Nepomuceno. Sermón 8: sobre San Vicente de Paúl (19 de julio de 1860). In: *Sermones III*. Roma: Hermanas Mercedarias de la Caridad, 2006, p. 910.

sem princípio e sem finalidade. Suas ações nasciam de seu encontro com Cristo que o impelia ao encontro dos menores de seus irmãos, levando-o das indispensáveis atitudes de compaixão e dos gestos gratuitos de cuidado à formação de redes de serviço, às iniciativas audazes de promoção humana e às intervenções corajosas em favor da justiça, da concórdia e da paz social.

Trata-se, pois, de uma caridade que, sem deixar de ser concreta e cotidiana, se mostra também política e universal, porque deseja alcançar a todos, mas se volta para cada um, começando pelos mais vulneráveis. Embora empenhado na transformação das estruturas, São Vicente não cerra os olhos, os ouvidos e as mãos para o desvalido que, em plena noite, bate à sua porta, pedindo-lhe entrada em seu coração para depor ali os fardos de seu desalento. Parafraseando o homem de misericórdia que foi Dom Tonino Bello (1935-1993), diríamos que Vicente de Paulo foi, a um só tempo, o *“samaritano da hora exata”*, aquele que se inclina sobre os espoliados, deita óleo em suas feridas e os ergue de seu abatimento; o *“samaritano da hora seguinte”*, que não se contenta com o mínimo, não se limita ao imediato e providencia o necessário para que o restabelecimento da pessoa seja completo; e o *“samaritano da primeira hora”*, que se preocupa em conhecer as causas, prevenir os problemas e evitar os perigos¹¹. Outro místico e pastor de nossos dias, Dom Helder Camara (1909-1999), também soube dizê-lo com meridiana clareza: *“Deus concedeu a São Vicente de Paulo antenas para captar todos os grandes sofrimentos de seu século. Que sofrimento existiu em seu tempo e em sua França sem que ele o percebesse? E o Senhor lhe deu a graça de descobrir para cada sofrimento a providência adequada”*¹².

Ainda hoje, não deixa de impressionar-nos a exuberância da obra vicentina, a grandeza do coração de seu artífice, a atualidade de

¹¹ Cf. *Briciole de santità: fede, speranza, carita*. Padova: Messaggero, pp. 95-97.

¹² Mensagem radiofônica levada ao ar no dia 27 de setembro de 1975.

suas intuições e sua força de atração e mobilização. Alguns autores contemporâneos chamam a atenção para o fato de que as iniciativas, empenhos e projetos de Vicente de Paulo podem ser vistos inclusive como um preâmbulo aos *direitos humanos*. Neste sentido, o *direito à vida* estaria refletido sobretudo na obra das crianças abandonadas; o *direito à alimentação* na distribuição de víveres e de refeições, particularmente em tempos de fome e guerra; o *direito à saúde*, nos cuidados obsequiados aos enfermos, nos hospitais, asilos e domicílios; o *direito à moradia*, na acolhida aos refugiados e aos que se acham nas ruas; o *direito à própria dignidade*, na atenção às pessoas com deficiência mental, aos presos e aos condenados a trabalhos forçados; o *direito a uma ancianidade tranquila*, no amparo aos idosos esquecidos; o *direito ao trabalho*, na distribuição de ferramentas, utensílios domésticos, sementes e outros auxílios; o *direito à educação*, na fundação de pequenas escolas, em particular na zona rural; etc. Não foi, portanto, sem motivo que um biógrafo asseverou que “*devemos a São Vicente de Paulo a revolução que, há séculos, vem transformando a vida social*”¹³. Ou ainda, se considerarmos sua intervenção decisiva nos rumos da Igreja de seu tempo – especialmente no que diz respeito ao cuidado pastoral dos pobres, à formação do clero, à renovação do episcopado, ao incremento da Vida Consagrada, à valorização dos leigos – não teremos receio algum de repetir o que sentenciou H. M. de Tour, em seu sobejamente citado sermão exequial sobre Vicente de Paulo: “*Il a presque changé le visage de l'Église!*”¹⁴.

¹³ MÉNABRÉA, André. *La révolution inaperçue: Saint Vincent de Paul, le savant*. Paris: Marcel Daubin, 1948, p. 9.

¹⁴ *Oraison funèbre à la mémoire du feu messire Vincent de Paul*. Paris, 1661, p. 9.

2. “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5): o místico da caridade

Mas seria muito pouco, seria quase nada – podendo ser até uma perigosa distorção – reduzir o célebre *Monsieur Vincent* à condição de um personagem de relevo no cenário da França do século XVII ou a um herói nacional comparável àqueles que figuram no panteão parisiense. Assim o fizeram muitos de seus admiradores, dentre os quais se destaca o mordaz filósofo Voltaire, que declarou sem hesitação: “*Mon saint à moi, c’est Vincent de Paul*”¹⁵. Contudo, uma maior aproximação à pessoa de Vicente de Paulo, acompanhada da leitura atenta daquilo que foi conservado de sua imensa correspondência e de suas numerosas alocuções, de modo algum nos autoriza a tê-lo na conta de um ideólogo, de um ativista, de um mero filantropo. Não. Vicente de Paulo é, antes de mais nada, um homem que crê e espera em Deus, um homem de fé, que não titubeia em dizê-lo a plenos pulmões, porque sabe que não se pode dar por descontado o que precisa ser permanentemente interiorizado, profundamente vivido, claramente reafirmado e coerentemente testemunhado. Ele mesmo o declara:

“Somente as verdades eternas são capazes de nos encher o coração e de nos conduzir com segurança (...). A experiência nos ensina que os pregadores que pregam conforme as luzes da fé operam mais nas

¹⁵ Eis aqui a referência completa que faz Voltaire à pessoa de Vicente de Paulo, em uma carta ao Marquês de Villette, de 4 de janeiro de 1766: “*Meu santo é mesmo Vicente de Paul, o padroeiro dos fundadores. Ele mereceu a apoteose tanto de filósofos como de cristãos. Ele deixou mais monumentos úteis do que seu soberano Luís XIII. Em meio às guerras da Fronde, ele foi igualmente respeitado por ambas as partes. Somente ele poderia ter evitado o Dia de São Bartolomeu. Ele queria que o sino infernal de Saint-Germain-l’Auxerrois, que anunciou o toque do massacre, fosse quebrado. Ele era tão humilde de coração que em dias solenes se recusava a usar os soberbos paramentos que lhe foram dados pelos Médicis*” (*Œuvres complètes*. Tome XLIX. Paris: Garnier, 1885, pp.167-168).

almas do que os que enchem seus discursos de raciocínios humanos e de razões filosóficas, porque as luzes da fé são sempre acompanhadas de certa unção celeste que se espalha secretamente nos corações dos ouvintes. Daí podemos julgar se é ou não necessário, tanto para nossa própria perfeição como para procurar a salvação das almas, acostumarmo-nos a seguir sempre e em tudo as luzes da fé” (SV XI, 32)¹⁶.

O itinerário de Vicente de Paulo encontra sua coerência e sua unidade no seguimento de Jesus Cristo, Vida de sua vida e única aspiração de seu coração, em cuja pessoa descobriu o manancial inesgotável da caridade e a perene inspiração da missão, o modelo perfeito ao qual queria ajustar todas as suas ações, como ele endossa reiteradamente¹⁷. Nesta identificação radical e progressiva com o Filho de Deus, residia, pois, o segredo da existência de São Vicente, o selo de sua alma, o espelho reluzente de sua pertença ao Deus dos pobres e de seu compromisso com os pobres de Deus. E esta continua sendo a mais importante chave de leitura de seu percurso vital impulsionado pela fé e emoldurado pelo amor. Sem referência a Cristo, não se pode compreender quem foi, o que disse e o que fez Vicente de Paulo. A confissão do apóstolo cabe perfeitamente em seus lábios: *“Para mim, o viver é Cristo”* (Fl 1,21). Poucos como L. Abelly, autor da primeira biografia de São Vicente, conseguiram delinear, com traços tão nítidos, a centralidade de Jesus Cristo na experiência espiritual daquele que foi seu mestre e amigo:

“Ele havia colocado a Jesus Cristo como o único modelo de sua vida. Tinha sua imagem tão bem gravada em sua alma e possuía tão perfeitamente suas máximas que só falava, pensava e agia à imitação de Cristo e guiado por ele. A vida do Divino

¹⁶ Trecho de um colóquio sobre a fé.

¹⁷ Cf. SV VI, 663; XII, 269, 133; XI, 218.

Salvador e a doutrina de seu Evangelho eram a única regra de sua vida e de suas ações. Era toda sua moral e toda sua política e, de acordo com ela, regulava a si mesmo e a todos os assuntos que passavam por suas mãos. Este era o único alicerce sobre o qual levantava seu edifício espiritual”¹⁸.

Ressalta-se, com frequência, o impulso caritativo e missionário que se deriva da espiritualidade vicentina. Por esse motivo, muitos a definem como uma espiritualidade da ação, capaz de desencadear uma práxis cristã de forte influxo nas esferas sociais e eclesiais. Trata-se, com efeito, de uma verdade incontestável. Entretanto, tal apreciação de modo algum pode subestimar a densidade mística da espiritualidade vicentina, sua dimensão contemplativa, sua raiz evangélica, o húmus fecundo que a faz florescer e frutificar. Em termos mais concretos, sua consequente capacidade de responder às inquietações mais profundas do ser humano em seu desejo de orientar-se na direção do Sentido último da existência, de encontrar o equilíbrio dinâmico entre oração e ação, de aquilatar-se como pessoa mediante o desenvolvimento das relações que o constituem e de contribuir para tornar o mundo mais habitável para todos. Nada disso seria possível sem o recurso a uma espiritualidade digna desse nome por seu profundo enraizamento no mistério de Deus e por sua ampla incidência na vida concreta, como é a espiritualidade vicentina.

Neste ponto, vale a pena deter-se no esclarecimento feito pelo próprio São Vicente a um de seus Padres que passava por uma espécie de crise vocacional, cogitando inclusive ingressar na austera Ordem dos Cartuxos. O fundador o ajuda a reencontrar o prumo da vocação missionária, o equilíbrio que a caracteriza: *“Sabeis, Padre, que, embora a vida contemplativa seja mais perfeita que a ativa, ela não o é, contudo, mais do que a que abraça a contemplação e a ação,*

¹⁸ *La vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paul*, t. I, cap. XIX, p. 78.

como é a vossa, pela graça de Deus” (SV III, 205)¹⁹. Mais de um ano depois, voltará ao mesmo argumento: *“A vida apostólica não exclui a contemplação, mas a abraça e dela se prevalece para melhor conhecer as verdades eternas que deve anunciar”* (SV III, 423)²⁰. Não era, pois, sem um propósito claro que o fundador insistia no cultivo da interioridade por parte daqueles que se reconheciam chamados a dedicar-se aos pobres e que se afadigavam na obra evangelizadora e caritativa. Certa vez, escreveu a um Coirmão que se ocupava da formação dos eclesiásticos: *“Será bom, como me dizeis, formá-los na vida interior. Sem isso, uma pessoa bem cedo acaba vendo chegar ao fim seu fervor”* (SV II, 421)²¹. Eis, ademais, a compreensão integradora que tem o fundador do ideal que seus Coirmãos deverão conservar diante dos olhos, com o fim de qualificar e manter em íntima relação as dimensões humana, espiritual e missionária de sua forma de vida:

“Em que consiste nossa perfeição? Em fazer bem todas as ações: 1º como homens dotados de razão, em conviver bem com o próximo e lhe garantir a justiça; 2º como cristãos, em praticar as virtudes de que Nosso Senhor nos deu exemplo; 3º como missionários, em realizar bem as obras que ele fez, e no mesmo espírito, enquanto nos permitir nossa fraqueza, bem conhecida por Deus” (SV XII, 79)²².

A espiritualidade vicentina não comporta unilateralismos e não se presta a uma finalidade meramente pragmática ou utilitária, como poderia ser a de lançar-nos sem mais aos desafios da realidade e contentar-nos com um senso crítico de caráter ideológico. Isso uma sociologia bem articulada também pode fazer, inclusive melhor do

¹⁹ Carta ao Padre Claudio Dufour, de 31 de março de 1647.

²⁰ Carta ao Padre Claudio Dufour, de 24 de julho de 1648.

²¹ Carta ao Padre Bernardo Codoing, de 30 de janeiro de 1643.

²² Conferência sobre a finalidade da Congregação da Missão, de 6 de dezembro de 1658.

que nós. Não se trata disso, está claro. Fazê-lo seria como trocar a herança vicentina por um prato de lentilha, valha aqui a alusão bíblica (cf. Gn 25,29-34). No outro extremo, estaria uma espiritualidade reduzida a ditames subjetivos ou a apelos emocionais que encastelam a pessoa em si mesma, em seus suspiros e comodidades, e não lhe permitem dar o passo requerido pela entrega a Deus e pelo serviço aos outros. Esta segunda tendência, porém, costuma ser mais recorrente em outras vertentes da espiritualidade cristã.

Seja como for, por tudo o que se pode conhecer a respeito da fé e da experiência de São Vicente, bem como do legado que nos deixou, não resulta difícil captar o apelo que a espiritualidade vicentina nos dirige a uma mística do equilíbrio e da sensatez, da contemplação e do compromisso, tendo como ponto de arranque um autêntico encontro com a pessoa de Jesus Cristo, tal como os evangelhos no-lo apresentam, para, a partir dessa experiência fundante e irrenunciável, reconhecê-lo nos pobres, discernir os sinais dos tempos à luz da fé e assumir como própria sua missão de evangelizar e servir aos menores dos irmãos, revestidos do espírito de Cristo, de seus sentimentos e atitudes (cf. Lc 4,18; Mt 25,40; Rm 13,14). Esta é, pois, a linha transversal que dá coesão e projeção ao carisma vicentino: o seguimento de Jesus Cristo, evangelizador dos pobres.

A práxis vicentina se revigora e se dessedenta na fonte caudalosa e cristalina da mística que lhe corresponde. Por um lado, não se trata de uma mística de êxtases, de levitações, de fenômenos sobrenaturais, inclinada a abstrações e sutilezas, encerrada em uma piedade etérea ou em uma ascese elitista. Por outro lado, sua concretude de modo algum coincide com superficialidade e funcionalismo, com um compromisso histórico sem transcendência. Ao firmar-nos no seguimento de Cristo, a mística vicentina nos leva a abrir-nos incondicionalmente a Deus, a acolher sua graça e a experimentar seu amor, a viver em sua presença e a confiar em sua providência, a contemplar seu rosto, a buscar sua vontade e a escutar

sua voz, a caminhar com ele, cativados pelo mistério de sua paternidade e impulsionados por seu Espírito de santidade. E tal experiência, por sua força própria, purifica e ilumina de tal modo nosso olhar que passamos a ver as pessoas, o mundo e a nós mesmos com o olhar do Deus-Trindade, que nos convida a entrar na aventura do Reino, debruçando-nos sobre os caídos e maltratados, fixando-nos em seus rostos, pronunciando seus nomes e enxugando suas lágrimas, reconhecendo-lhes a dignidade, animando suas esperanças e encorajando seus passos, a fim de lançar e regar as sementes de um mundo mais humano e fraterno, “*com a força de nossos braços e o suor de nossas frentes*” (SV XI, 41)²³, como fizeram Jesus de Nazaré e, em seu discipulado, Vicente de Paulo.

Retamente entendida e honestamente vivida, a mística vicentina inspira e requer a integração de uma densa e intensa relação com Deus e de uma sincera e laboriosa doação aos pobres. E essa integração se mostra capaz de engendrar homens e mulheres transparentes e generosos, firmes e ternos, orantes e comprometidos, densos e flexíveis, com os pés fincados na realidade e os corações voltados para o Alto, pessoas que não se deixam arrastar aos extremos, embora sabendo posicionar-se com convicção e clareza diante das situações. Herdeiro da tradição tomista, esta era uma preocupação recorrente nas exortações de São Vicente:

“Meus irmãos, as virtudes consistem sempre em um justo equilíbrio. Cada uma delas tem dois extremos viciosos. De qualquer lado que nos afastemos, caímos em um desses vícios. É preciso andar direito entre esses dois extremos, a fim de que nossas ações sejam louváveis (...). A virtude está no meio termo entre extremidades viciosas que nada valem” (SV XI, 225-226)²⁴.

²³ Trecho de um colóquio sobre o amor de Deus, sem data.

²⁴ Partilha de oração de 4 de agosto de 1655.